

A POESIA CRIOLA BISSAU-GUINEENSE

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília

1. Introdução

Quando se fala em literatura bissau-guineense, em geral se pensa apenas em literatura em língua portuguesa, apesar de mesmo nesse domínio já ter sido dito que a Guiné-Bissau era um “espaço vazio” no que tange à literatura. Afirmações como essa se baseavam no fato de que só em 1952 foi publicado o primeiro conto escrito por um autor guineense nato, James Pinto Bull, ou seja “Amor e trabalho”, no *Boletim cultural da Guiné Portuguesa* (vol. VII, n. 25, 1952, pp. 181-187). O primeiro livro de poemas de guineense, *Poemas*, de Carlos Semedo, foi publicado em Bolama pela Imprensa Nacional, em 1963. O primeiro romance, *Eterna paixão*, de Abdulai Silá, só veio a lume em 1994, em Bissau, pela Ku Si Mon Editora. Apesar de um tanto tardiamente, hoje em dia não se poderia mais fazer a mesma afirmativa. Há uma intensa produção literária por guineenses não só no próprio país mas também na diáspora, como pode ser constatado em Rosa (1993), Augel (1998, 2007), Sparemberger (2003) e Couto (*a sair*), bem como no *site* www.didinho.org.

Tudo que acaba de ser mencionado refere-se à literatura em português. Acontece que na Guiné-Bissau convivem mais de 16 línguas, todas elas com uma longa tradição de literatura oral, frequentemente chamada de oratura ou oralitura. Além da oratura nas línguas étnicas africanas (fula, balanta, mandinga, manjaco etc.), temo-la também na língua franca nacional, o crioulo, que resultou do contato dos colonizadores portugueses com falantes dessas línguas (Couto 1994). De modo que em vez de “literatura guineense/da Guiné-Bissau” parece mais adequado falar-se em “literaturas guineenses.”

No âmbito da literatura oral guineense, poderíamos citar as narrativas orais, os provérbios (Couto 1996), as adivinhas (Couto 2003) e toda uma série de manifestações, muitas delas estudadas por Bull (1989) e Trajano Filho (1998), tais como as manjuandades, os cantos (kantigas) tradicionais e outros. As cantigas são normalmente versificadas.

Enfatizando a tradição crioula, notamos que uma das manifestações mais comuns de sua oratura são justamente as narrativas orais, chamadas *stórias*, do português “história”. Provavelmente, “Lubu ku garsa” (a hiena e a garça) tenha sido a primeira fábula crioula a ser publicada, no caso no folheto *A fraternidade, Guiné a Cabo Verde*, em 1883, por Marcelino Marques de Barros, que divulgou também “Storia

d'un fiju starbaganti", na *Revista lusitana* (vol. 5, p. 284-289, 1897/1899), em edição bilingue guineense-caboverdiana, e "Tris golós" (os três gulosos), também na *Revista lusitana* (vol. 10, p. 307-310, 1908), com tradução em português. Em Barros (1900), publicaram-se ainda as *storias* "A noiva da serpente", "História de Sanhá", "Storia de Djambatutu, rei di pastrus" (História do Djambatutu, rei dos pássaros), "Storia di lubu ku karnel" e "Falkon ku jugudi", todas na versão crioula e em português, exceto as duas primeiras, que são "contos mandingas". Elas estão apresentadas só em português, embora na segunda haja muitos trechos em crioulo bem como versos cantados em mandinga. No entanto, a primeira coletânea de fábulas a aparecer em crioulo é a de Teresa Montenegro e Carlos Morais *Junbai* (Bolama: Imprensa Nacional, 1979), contendo 21 *storias*. Os mesmos autores publicaram ainda a coletânea *Uori - stórias de lama e philosophia* (Bissau: Ku Si Mon Editora, 1995), com 24 narrativas. Entre as duas publicações saiu *Contes créoles de Guinée-Bissau*, com 20 *storias*, organizada por Emilio Giusti (Paris: CILF/EDICEF), 1981). Em 1988/9, a Editora Nimba, de Bissau, também publicou 59 versões desses contos, em dois volumes. Por fim, a Ku Si Mon Editora publicou uma série de opúsculos, sob o título geral de *Contes créoles de Guinée-Bissau* (não confundir com a coletânea de Giusti). Eu tive acesso a seis desses opúsculos, contendo um total de sete fábulas.

O fato é que, além da literatura em português, já existe alguma literatura, ou melhor, oratura em crioulo, transcrita e publicada, em geral por estrangeiros. Essas narrativas, podem ser vistas como o germe do qual nasceria um tipo de conto literário mais tarde na Guiné-Bissau, sobretudo com Odete Semedo, que já publicou *Sonéá - histórias e passadas que ouvi contar I* (Bissau: INEP, 2000), com cinco contos, e *Djénia - historias e passadas que ouvi contar II* (Bissau: INEP, 2000).

O objetivo deste artigo é falar da literatura que se manifesta em crioulo, mas apenas a poesia. Por isso, na seção 2, a seguir, faço um apanhado geral do que foi possível encontrar sobre as origens dessa poesia. Na seção 3, falo de alguns poemas publicados aqui e ali por diversos autores, inclusive em antologias. A seção 4 é dedicada a publicações individuais que contêm poemas em crioulo. Na seção 5, temos o momento culminante, até agora, da poeta crioula, ou seja, a coletânea *Kebur* (colheita). Na seção 6, incluo alguns poemas que ainda não vieram a público sob a forma impressa mas que já estão disponíveis na *internet* ou por outros meios. Na seção 7, faço alguns comentários gerais sobre a poesia crioula bissau-guineense. Por fim, temos as observações finais na seção 8.

2. Precusores da poesia crioulo-guineense

Nas narrativas tradicionais mencionadas acima já havia manifestações da oralidade bissau-guineense sob a forma de verso, antes que aparecessem os primeiros po-

emas propriamente ditos escritos em crioulo, na década de 70 do século XX. Alguns exemplos são as *kantiga di manjuandadi*, as *kantiga di ditu*, as *kantiga di tina* etc. Eis uma *kantiga di manjuandadi*, colhida por Semedo (1996), no contexto da manjuandade Pé-di-Kakri (manjuandade = associação de coetâneos para alguma festividade):

Kantiga

Kamba San Djon pa N bai muri
 Nin si N ba muri
 Ami N bai
 N na bai kamba San Djon
 Ami N na bai.

Tradução

Eu atravesso [o rio] para ir a São João
 Mesmo que eu vá morrer
 Eu vou
 Eu vou atravessar [o rio] para ir a São João
 Eu vou.

Embora essa cantiga tenha sido produzida em data relativamente recente, ela se insere na longa tradição guineense-africana. Esse tipo de cantiga frequentemente é improvisado, porém sempre em verso, mesmo porque se trata de “cantiga”, de textos que são sempre cantados, às vezes em mandinga, como se pode ver nas diversas coletâneas de *stórias* já coligidas e publicadas. Parece que as segundas são continuação das primeiras.

Avançando um pouco, chegamos à virada do século XIX para o XX. Nesse período, o já mencionado Barros (1900: 36-37) coligiu dez dessas cantigas, acompanhadas de tradução e comentários. Uma delas é “Malan” (“estrangeiro”, em mandinga), cujo subtítulo é “canto de uma escrava”. Sua versão portuguesa foi incluída em Barbosa (1988: 21) como sendo um exemplar de poema guineense produzido em português. Ei-la nas duas versões:

Crioulo

Ami i Malan, oh, oh!
 Ami i Malan, oh, oh!
 Ki bin par bai
 N ñabita ku likur
 N limpadu ku lens di kambraia
 Ami i Malan oh, oh!
 Ki bin par bai

Português

Eu era triste escrava
 Ai! e que bem triste escrava,
 que vinha par embarcar.
 O meu senhor vestiu-me
 e zangado batia-me
 com ramo de coral;
 e pensava-me as chagas
 co’o mais doce licor;
 e limpava-me as f’ridas
 com lenço de cambraia.

Ainda em Barros (1900: 115-116), temos mais uma kantiga que valeria por um poema. Trata-se de “Bindin” (Vendei-me [senhor]), tanto na versão crioula quanto na portuguesa.

Temos também a produção dos *djidius*, *griots*, ou seja, jograis. Trata-se de um personagem que “é simultaneamente o cronista de famílias nobres e conselheiro de reis, depositário dos mitos fundadores e das crônicas do grupo étnico, trovador, poeta, aedo e músico”. Eles se manifestam na melodia conhecida como *kumbé*. Alguns desses *djidius* ficaram famosos na Guiné-Bissau, tais como Malan Camaleon, Djafalu, Maundé, Amizade Gomes e Malé (Rosa 1993: 81). A partir das Guerras de Libertação, temos também as letras de canções, que são verdadeiros poemas, escritas em crioulo, como as de José Carlos Schwarcz (1949-1977), que já foi chamado de o Chico Buarque guineense.

Como se pode ver no livro inteiramente dedicado a sua vida e obra (Augel 1997), José Carlos era basicamente compositor e cantor. No entanto, quase toda antologia de poemas produzida no país o inclui. No livro de Augel, vê-se que ele produziu pelo menos 59 letras de canções em crioulo, tidas como poemas, além dos que fez inicialmente em francês (uns quatro) e os escritos em português (uns sete). Os poemas em francês foram escritos em 1967 e 1968. Os escritos em português vão de 1973 a 1977. Os poemas em crioulo começaram em 1970, caso de “Nna” (Mãezinha): “Nna / Nna ai nna / ai nna oh // Ka bu bota ki bu bambaran / ai nna oh // N ka na pudi pemi ña fidju / N ka pudi pemi ña fidju // Ki fidju ki ka na kungsi / sabura ki fartandan ba / ah, ai, nna, oh // No mama ku seku gosi / ai nna oh / ai nna oh // Nna son abo, abo son, nna // kin pudi gardisi nes mundu // Kuma os di bon mesa / i ta raparadu ai nna oh / nin ki na muntudu”. A tradução de Augel é: “Mãe, ai mãezinha, / ai, mãe, oh!// Não deites fora o teu *bambaran* / Mãe, ai, mãe,” [Porque se o deitares fora] não vou poder embalar o meu filho/ Esse filho que não vai conhecer/ as delícias que me saciavam// Ai, mãe, oh mãezinha/ A nossa mama agora está seca/ mãe, ai mãezinha,/ ai, mãe, oh!// Mãezinha, só a ti, só a ti, mãezinha/ posso agradecer neste mundo// *Porque o osso que saiu de boa mesa/chama a atenção/mesmo dentro do lixo.*” Como se vê, na forma lembra a *kantiga* “Malan”. Há muitas repetições, estribilhos, típicos de letras de música.

Além de José Carlos Schwarcz, diversos outros poetas escreveram letras para canções. Entre eles poderíamos citar Aliu Bari, que escreveu mais de 20, começando em 1968. Armando Salvaterra, desde 1970. Huco Monteiro e muitos outros poetas e intelectuais guineenses escreveram poemas/letras”. Se as “letras” de José Carlos são consideradas poemas, por que as demais não o são? Augel (1997) chama as de Armando Salvaterra de “poemas musicados”, enquanto que as de Aliu Bari são chamadas “canções”. De Bari, transcrevo a “canção” “No sinta na sukuru” (Estamos no escuro), cantada por José Carlos: // No sinta na sukuru / djintis na djimpininu / sukuru sukuru / sukuru di tempu de tchuba // Ma i ke / ña ermons, oh / ali no sinta na sukuru / no ta

pidi Deus, oh / pa i danu sol pa no kenta / sukuru sukuru / sukuru di tempu di tchuba”. Tradução literal: “Estamos no escuro / as pessoas nos espreitam / escuro, escuro / escuro do tempo de chuva // O que é / meus irmãos, oh / Estamos aqui no escuro / pedimos a Deus, oh / para mandar o sol para nos aquecer / escuro, escuro / escuro do tempo de chuva”. Será que alguém que não saiba que Schwarcz e Salvaterra são grandes intelectuais guineenses e que Bari é uma pessoa simples consideraria o texto do último inferior aos deles?

Quanto a Armando Salvaterra (nascido em 18 de outubro de 1946), é autor de pelo menos três poemas que foram musicados e cantados por José Carlos Schwarcz no conjunto Cobiana Djazz. São eles “Mindjeris di panu pretu” (1970), “Dispus k’e lebal” (1970) e “Estin” (1971). O primeiro deles é o seguinte: “Mindjeris di panu pretu / ka bo tchora pena // Si kontra bo pudi / ora ki un son di nos fidi / bo ba ta rasa / pa tisinu no kasa // Pabia li ki no tchon / no ta bai nan te / *bolta di mundu / i rabu di pumba*” Tradução literal: “Mulheres de pano preto / não chorem mais // Se puderem / quando um de nós ficar ferido / rezem / para trazer-nos a nossa casa // Porque aqui é nossa terra / não importa aonde formos / a volta do mundo / é um rabo de pomba”. O poema é dedicado às esposas, mães e irmãs dos homens que morreram na guerra, motivo pelo qual estão vestidas de preto. O poeta as concita a não ficarem passivas, mas a continuar levando a vida, rezando (*rasa*) pelos que continuam na labuta diária. Ele tem esperança de que as coisas vão melhorar, pois o mundo dá muitas voltas, como afirmam os dois últimos versos grifados, que são um conhecido provérbio crioulo. Aliás, o uso de provérbio nas letras das canções dessa época é um muito comum. Ao lado do uso do crioulo, isso revela um desejo de falar a linguagem da maioria da população guineense. De fato, as apresentações do Cobiana Djazz eram recebidas entusiasticamente pelo público, mesmo diante do perigo representado pela PIDE, uma espécie da KGB da ditadura portuguesa da época.

3. Poemas e autores dispersos em revistas e antologias

A produção poética em crioulo propriamente dita só começou na década de setenta. Alguns poemas foram publicados esparsamente em revistas guineenses ou estrangeiras. A primeira antologia publicada na Guiné-Bissau, *Poilão* (1973), não contém nenhum poema em crioulo. Na segunda, *Mantehas para quem luta* (1977), já aparecem dois (de 51 poemas), de José Carlos Schwarcz. São eles “Cal coldade de amanhã, Maria” e “Quebur nobo” (nova colheita). Os demais 49 estão em português.

Não se pode esquecer *Garandessa di no tchon* (Lisboa: Edição do Autor, 1978), de Francisco Conduto de Pina. Dos 22 poemas do então jovem Conduto, dois estão em crioulo. São eles “Strela negra” e “Lun’ngada” (luar). Segundo Augel (1996: 149), é “a primeira iniciativa individual de publicação da lírica guineense”.

O crioulo começa a ser mais bem representado é em *Antologia dos jovens poetas - momentos primeiros da construção* (Bissau: Conselho Nacional de Cultura, 1978), com 12 poetas, sendo que sete deles com poemas em crioulo, na segunda seção, intitulada “Espaço crioulo”, a mais longa. São eles: Armando Salvaterra (E largal? ‘largaram-no?’), Djibril Baldé (Mininos di nha terra, N’djudja bu N’Djita ‘a união faz a força’), Hélder Proença (Es i er ‘era assim’), José Carlos Schwarcz (6 poemas), João José Silva Monteiro ou Huco Monteiro (8 poemas), Nelson Medina (Pa no iermonsinhos, Sodadi) e Serifo Mané (Ninguim ka pudi kala nha boca ‘ninguém pode calarme’). Tanto nos poemas em crioulo quanto nos que estão em português, a temática continua a mesma das antologias anteriores, ou seja, um grito de revolta, uma crítica ao colonialismo (a independência se deu em 1974) e suas consequências.

A *Antologia poética da Guiné-Bissau*, de Manuel Ferreira (Lisboa: Inquérito, 1990), só contém poemas em português. O mesmo se pode dizer da coletânea seguinte, *O eco do pranto - a criança na moderna poesia guineense* (Lisboa: Inquérito, 1992).

Não se poderia deixar de lembrar que uma antologia de poemas escritos por escolares entre 14 e 19 anos de idade também contém textos em crioulo. Trata-se de *Os continuadores da revolução e a recordação do passado recente* (Bolama: Imprensa Nacional, 1979), com 39 “poemas”. Os poemas em crioulo são “Nha fidjo bai mato” (o meu filho foi para o mato), de Bacar Cassamá (18 anos) e “Hora de riba de luta” (hora de voltar da batalha), de Bubacar Baldé (19 anos). A temática explorada pelos dois jovens (e pelos demais que escreveram em português) é a mesma dos poetas e prosadores adultos da época, ou seja, tudo gira em torno dos problemas advindos da luta nas Guerras de Libertação. Os próprios títulos já o sugerem.

4. Publicações individuais com poemas em crioulo

Diante das precariedades da Guiné-Bissau em todos os domínios, o ano de 1996 foi relativamente prolífico em termos de produção poética. Além da coletânea *Kebur*, que será comentada na seção seguinte, pelo menos três livros individuais de poesia foram publicados em Bissau, sob a coordenação de Moema Parente Augel. A primeira, *Arqueólogo da calçada*, de Félix Sigá (Bissau: INEP, 1996), só contém poemas em português, a despeito do título de um de seus poemas estar em crioulo (Pasa ku mon ‘ser demais da conta’), além de conter diversas expressões crioulas no corpo do poema. A segunda é *Noites de insónia na terra adormecida*, de Tony Tcheka, cujo nome oficial é António Soares Lopes Jr. (Bissau: INEP, 1996). Esse livro consta de cinco seções, que são “Kantu kriol” (10 poemas), “Poemar” (13 poemas), “Sonho-caravela” (9 poemas), “Poesia brava” (31 poemas) e “Canto menino” (8 poemas). Nos dez poemas crioulos da primeira seção transparece o mesmo tom dos que estão em português. O poeta já está se distanciando do ramerrão da revolta dos anos pós-independência, voltando

mais para o intimismo e o lirismo, além de problemas do dia-a-dia do guineense, como a miséria, a fome (Kanta di fomi) e questões familiares. Como diz Moema Augel na introdução, “*Noites de insónia na terra adormecida* revela um escritor com maturidade literária, deixando transparecer tanto preocupação pela forma e pela linguagem como uma grande criatividade e inesperada ousadia na expressão poética?” (p. 12). Tcheka é um dos escritores guineenses mais proeminentes.

O terceiro (não necessariamente do ponto de vista cronológico) livro do ano em questão é *Entre o ser e o amar*, de Odete Costa Semedo (Bissau: INEP, 1996). Para mim, é um dos livros de poemas mais interessantes das literaturas guineenses. Um dos motivos é que grande parte dos poemas se apresenta em duas versões, ou seja, em crioulo e em português. Dos 44 poemas, oito estão só em português e cinco só em crioulo. Os escritos só em crioulo são “Kumbosas di bida” (co-esposas da vida), “Fala di mindjer” (conversa de mulher), “Ña rostu” (meu rosto), “Djon Gagu” e “Nunde ña diritu” (onde está meu direito). Os demais são bilíngues. Nota-se uma preocupação com o sentido da vida, um intimismo e uma grande preocupação com a linguagem. Este último tema está exemplarmente representado no primeiro poema da coletânea, “Na kal lingu ke N na skirbi nel” ou, na versão portuguesa, “Em que língua escrever”. Depois de fazer diversas perguntas nesse sentido na duas primeiras estrofes, a poetisa começa a dar razões para esse dilema na terceira: “O N na ten ku papia/ na e lingu lusu/ Ami ku ka sibi/ Nin N ka ten kin ke na oioin/ Ma si i bin sedu sin/ N na ten palabra di pasa/ Erderus di no djorson/ Ma kil ke N ten pa konta/ N na girtal na kriol/ Pa rekadu pasa di boka pa boka/ Tok i tchiga si distinu”. Na versão portuguesa: “Ou terei de falar/ Nesta língua lusa/ E eu sem arte sem musa/ Mas assim terei palavras para deixar/ Aos herdeiros do nosso século/ Em crioulo gritarei/ A minha mensagem/ Que de boca em boca/ Fará a sua viagem”. Essa preocupação com a linguagem aparece pelo menos em mais uns oito poemas, como “Fala di mindjer”, “Fala” (Voz) e outros.

Odete Semedo publicou também o livro de poemas *No fundo do canto* (Belo Horizonte: Nandyala, 2007). São 70 poemas exclusivamente em português mais sete bilíngues em português e crioulo, como no livro anterior. O primeiro dos bilíngues é “O teu mensageiro”, em crioulo “Bu tcholonadur”, que mostra alguém que quer ajudar o outro. O segundo tem um título autoexplicativo, “A miséria humana”, ou “Kabalindadi” em crioulo. O terceiro, por ser mais curto (“Donde terá saído?” = “Di nunde ku i sai?”), reproduzo-o na íntegra: “Donde terá saído/ donde terá saído/ mas donde vieste/ ventania de S. Bartolomeu/ que me separou/ dos meus”, ou seja, “Nunde k’i sai/ nunde k’i sai/ ma di nunde ku bu bin/ Sambaturmé/ ku bin rapatin/ ku kilis ku N ten.” O quarto é “Tchilako na tabanca”, com o mesmo título na versão crioula. O quinto, “Bissau é um enigma” (Bissau sukuru), trata de um problema muito sério para os guineenses. Eles não conseguem pactuar um contrato social à la Rousseau. O país está em ruínas, devido ao individualismo, a incompetência e a corrupção dos

que estão no poder há várias décadas. O sexto é “Quando tudo começou Bissau não quis acreditar” (Otcha kusas kunsu Bissau ka misti fia), que parece falar da época de guerra civil de 1998-1999, em que tropas senegalesas foram convocadas pelo eterno presidente Nino Vieira para protegê-lo contra insurreição das próprias forças armadas. As tropas estrangeiras chegavam a humilhar os guineenses em sua própria terra. O tema repete-se no sétimo poema bilíngue, “A desgraça caiu sobre Bissau” (Mufunesa kai riba di Bissau).

Como já vimos acima, Odete Semedo tem também contos, todos em português. Esse aspecto de sua produção não será comentado aqui. Registre-se que no presente momento (outubro de 2008), ela está fazendo pós-graduação em literatura na PUC de Belo Horizonte. Passemos à primeira, e única até agora, antologia de poemas inteiramente em crioulo.

5. *Kebur - Barkafon de poesia na kriol*

Os meados da década de noventa foram bastante produtivos para a jovem literatura da jovem Guiné-Bissau. Foi nesse período que apareceram os três primeiros romances escritos por um guineense nato, ou seja, *Eterna paixão* (1999), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), todos de Abdulai Silá, além das obras individuais comentadas na seção anterior. Foi também nesse período que foi publicada a primeira antologia de poemas inteiramente em crioulo, coordenada e prefaciada por Moema Parente Augel, na Coleção Literária *Kebur*, do INEP. Trata-se de *Kebur - barkafon di poesia na kriol* (Bissau: INEP, 1996), em português aproximadamente “Colheira - alforje de poesia em crioulo.” Os poetas nela representados são, com o número de poemas entre parênteses, Atchutchi (6), Djibril Baldé (6), Ernesto Dabó (6), Nelson Medina (11), Huco Monteiro (10), Dulce Neves (6), Respício Nuno (8), Conduto de Pina (6), Armando Salvaterra (10), José Carlos Schwarcz (6), Odete Semedo (6), Félix Sigá (10) e Tony Tcheka (8). No que segue, falarei brevemente apenas dos poetas que não foram comentados acima.

Começemos por Atchutchi, pseudônimo de Adriano Gomes Ferreira. Uma das coisas que se nota logo de cara é que seus textos não são nada descritivos. Ele escreve como se uma palavra puxasse outra. Sua preocupação não é com descrever situações. Nesse contexto, entram também antíteses, como “N na punta / ke ku ka nunca sedu” (eu pergunto / o que é que nunca será). Em algumas passagens, pode até haver “lógica” na ligação entre as idéias, como faz no poema “Dus pasu”, cujas duas primeiras estrofes dizem: “Purmeru djestu / tudu balenti / na ña gustu / N fasil konfianti // Kamiñu di oranu / listadura di pasadu / pabia di paranu / N na kunsil kansadu”, ou seja, “O primeiro gesto / todos valentes / de acordo com meu gosto / eu o faço confiante // O caminho de outrora / resquícios do passado / porque o futuro / será muito difícil”.

Sem um conhecimento da cultura e da história da Guiné-Bissau, é muito difícil entender seus poemas, como é o caso também de “Bissau kila muda”: “Belanti da Silva / Sunkar Dabó / o mundu / Djusepa Krani”. A propósito, poderíamos lembrar que o objetivo do artista não é propriamente ser lógico, descrever o mundo existente. Como diziam os romanos, *poetis et pictoribus omnia licet*. É interessante notar que o autor não trata do tema principal de sua geração, que são as lutas contra o ex-colonizador bem como a concitação aos guineenses para construir o novo país. Pelo contrário, ele se atém a questões de sentido da vida, mesmo quando questões sociais e políticas entram tangencialmente. Um belo poema lírico é “Noiba nobu”: “Noiba nobu / noiba na ba kasamenti / ku kara alegri // Tudu kontenti / djubi kuma k’i na ri / no tera i bunitu / tudu ki si mindjeris // No juventudi / djubi ke na soronda / Guineenses // Matchu bedju / pega na bu noiba bu leba / bo ntindi N’utru // Pa no vivi / pa no kumpu familia / pa no brinka / sabi na no tera”. Tradução aproximadamente literal: “Jovem noiva / noiva vai para o casamento / com feição alegre // Toda contente / veja como ela sorri / nossa terra é bonita / todas as suas mulheres // Nossa juventude / observa que elas rebrotam / guineenses // Velho guerreiro / tome sua noiva e vá com ela / vocês entendem um ao outro // Para vivermos / para formarmos família / para brincarmos / alegremente em nossa terra”.

Djibril Baldé fez parte do fervor inicial pela música, tendo participado do conjunto Ka Bu Iara Sete. Baldé só escreve em crioulo. Em *Kebur* (1996), ele comparece com seis poemas. Os de *Kebur* foram escritos entre 1990 e 1994, portanto, já não se atém a questões de colonialismo, lutas de libertação e “construção da nação”. Vejamos o poema “Bo na kansa kabesa” (Você se cansa) (em crioulo, geralmente a reciprocidade se expressa pelo uso de “*kabesa*”, como se pode ver em Couto 1994).

Bo na kansa kabesa

Bo na korta polon
pa ke
bo na kema si dungutu
pa ke
ala raís pega fugu
ora ki ris di polon
na iardi
kada kin ta tchugi
si mandioka
si batata
pa kusida

Você se cansa

você corta poilões
para quê
você queima suas radículas
para quê
eis a raiz pegando fogo
quando a raiz do poilão
está ardendo
cada um cavouca
sua mandioca
sua batata
para cozinhar

N sibi sertu
 kuma i na sai
 kusidu o
 toradu o
 i na sai!

Eu sei bem
 como vai sair
 cozido ou
 torrado ou
 vai sair!

Como muitos outros poetas de seu país, Djibril Baldé faz uso de muitos recursos linguísticos que os poetas brasileiros dificilmente usariam nos dias de hoje, como a exclamação “ai!” e outras. Uma outra característica sua e dos demais é a grande quantidade de versos na forma exclamativa ou na de pergunta (Si bu sibi ba! ‘Se você soubesse!’; Bu ka na kontal? ‘você não conta a ele?’; Anta i ke? ‘E aí?’).

Quanto a Ernesto Dabó, a primeira antologia em que apareceu é *Kebur*, no caso com os poemas “Si bu fia”, “Ña speransa”, “Lamine”, “Kerensa azul”, “Papu” e “Kasal”. Talvez não tenha aparecido nas anteriores por ser sempre tido como músico e letrista, não poeta propriamente dito. De todos os poetas de *Kebur*, é talvez o que apresenta uma linguagem mais rica, em termos de raridade do vocabulário usado, de hermetismo para quem não conhece a cultura guineense. Eu mesmo, que trabalho com essa língua há muitos anos, tive muita dificuldade com diversos termos e metáforas usadas pelo autor. Em alguns casos, faz uso da rima, coisa não muito comum nos poetas guineenses. Em “Lamine”, esse recurso é utilizado de ponta a ponta, mesmo que algumas rimas sejam imperfeitas. Na primeira estrofe, por exemplo, temos: “N soma na djanela / pabia bentu garba ku bela / kirias na torkia fala”, literalmente, “eu assomei à janela / porque o vento não se entendia com a vela / as crias se comunicam”. Como já se pode ver, mesmo que conheçamos o significado de cada item lexical, não é garantido que consigamos entender o que o poeta quis dizer. Afinal de contas, a função da arte não é propriamente falar de estados de coisas, para usar a expressão de Wittgenstein. O conceito de comunicação fática de Bronislaw Malinowski e de Roman Jakobson é mais adequado. Por outras palavras, a função da arte é mais entreter, não informar sobre algo. É mais manter a coesão, a fim de se usufruir a mensagem artística, no caso, poética. Isso pode ser mais facilmente constatado em outras manifestações culturais crioulas, como as narrativas orais, as adivinhas e, sobretudo, a música.

Nelson Medina também é da geração de José Carlos Schwarcz, tendo participado de grupos musicais, como o M’Barranso, na segunda metade da década de setenta. É autor de muitas letras de música. Ele publicou um livro individual de poemas, (Bissau: Programa de Incentivo a Iniciativas Culturais [PIIC], 2002). O nome da antologia sob análise deriva de seu poema “Kebur”, que reproduzo abaixo.

Kebur

Ku no mons preña di fomi
 korson kingitidu di dur
 na ñeñu-ñeñu pa no dia di amaña
 no paranta ku fe

No seta mara korson
 pa mata flemas
 no toma larmas di no kasabi
 no fasi tchuba
 no seta sedu mudu
 pa iagu kirianu na boka
 pa no pudi regua no balur
 aonti no paranta
 aos no kebra
 kebur di aos
 i pa paranta amaña

Colheita

Com as mãos cheias de fome
 o coração enrijecido de dor
 lutamos pelo amanhã
 plantamos fé

fechamos o coração
 para acabar com o torpor
 tiramos lágrimas de nossos sofrimento
 produzimo chuva
 ficamos mudos
 para dar água na boca
 para regar nosso valor
 ontem plantamos
 hoje colhemos
 colheita de hoje
 para plantar amanhã

Os demais poemas tratam da necessidade de resistência aos reveses da vida (“Malgós ku malgosadu” = amargo com amargado), de jogos de palavras em que vêm à tona diversos aspectos da cultura guineense (“Iuli-iuli= mais ou menos ‘entrar-e-sair’), de um pedido ao companheiro Kumpo (“Kamarada Kumpo: dia na tchiga” = companheiro Kumpo, o dia está chegando) para que ajude a melhorar a vida do povo pobre, de “Djon Djila” que suga o sangue dos guineenses /pa fidju di ñu pudi studa na Oropa/ (para que seu filho possa estudar na Europa), de que não se pode espoliar a Guiné-Bissau impunemente porque a democracia chegou (“Nene Nkurlu” = nome próprio), de um agradecimento, “Djarama”, (‘obrigado’ em fula) a todos /ku lumianu kamiñu di sirbintia/ (/que iluminaram o caminho para nosso destino), e assim por diante. Como só escreve em crioulo, é de se esperar que Medina apresente especificidades formais. Com efeito, ele também faz uso de um rico vocabulário, de metáforas e metonímias de aspectos da cultura de seu país. Um dos poemas termina com um conhecido provérbio (*ditu*), que é “... po / tudu tarda ki tarda na mar / i ka ta bida lagardu”, ou seja, “... o pau / por mais que fique no mar / não se transforma em crocodilo”. Embora poemas de amor não sejam muito comuns na literatura guineense, pelo menos um dos que compõem *Kebur* trata do tema. Trata-se de “Muskeba”, /ña preta fina di Bande/, da qual diz que “kada ora ku N lembra di bo/ i ta dan gana/ /di N muri na bu pitu”, ou seja, “minha negra esbelta de Bandim/ /quando eu me lembro de você / me dá vontade / de morrer no teu colo” (“Bandim” é uma imensa feira de Bissau, onde se pode comprar de tudo).

Huco Monteiro, ou simplesmente Huco, é *nomi di kasa* de João José Silva Monteiro, que participou dos conjuntos musicais Chave d'Ouro (Nkassa Kobra), Panteras Guinéus e Djorson, ao lado de Serifo Mané, Ernesto Dabó e Diana Handem. As músicas cantadas por Zé Manel têm diversas letras que foram escritas por ele. Em 2006 saiu seu longo poema “Sinais de paz” que, a despeito do título em português, está escrito em crioulo.

Vejamos o poema “Anós tudu i Buruntuma”, de *Kebur*. Como se pode ver, para entender o poema é necessário ter um mínimo de conhecimento da cultura guineense.

Anos tudo i Buruntuma

Si anos i ris o simintera
Nteradu
Si no ka lanta pulga
I polon o bissilon
Pa N ka fala katakumba o mandjandja

Anos tudu i buruntuma

Mítidu na un tatcha di badodos
Na sangi di no Guiné
I kil un iardi di sukulubembe
(pimenta)
I kil un malgosura di djagatu
I kil un badju di kusunde o di ngumbe

Bu fidjus tudu i buruntuma, Guiné.

Nós somos todos Buruntuma

Se somos raiz ou sementeira
enterrados
se não levantamos pulgas
poilões ou bissilões
para não falar de catacumba nem de cola

Somos todos buruntuma

Dentro de uma vasilha de badosdoce
no sangue de nossa Guiné
quer ardendo como o sukulubembe (uma
pimenta)
quer amargando como o djagatu (uma beringela)
quer em um baile de kusunde ou de gumbé

Seus filhos são todos buruntuma, Guiné.

Dulce Maria Vieira das Neves, ou simplesmente Dulce Neves, é conhecida sobretudo como uma pessoa da música. Assim, compõe melodias, letras e canta. Ela não participou de nenhuma das antologias de poemas publicadas no país, fato que se explica por ser tida como musicista, não poetisa, como acontece com outros letristas. Praticamente todos os seis poemas seus que aparecem em *Kebur* são “letras” de canções. Isso lembra um pouco Chico Buarque de Holanda e Vinicius de Moraes, sobretudo o segundo que, além de ótimo poeta, foi um grande compositor, além de cantor. Vejamos o poema “Si mortu ten di leban” (se a morte tem que me levar).

Si mortu ten di leban

Si mortu ten
de leban
pa i pera n bokadiñu son

N misti mati
sabura di no tera
N misti mati
avansu di no povu
N misti odja
garasa mais bunitu
na rostu di mininus

Pa se bariga
ka orfa di fomi
pa e tene mesiñu
e tene skola
pa no garandis
ka muri di fadiga
N misti odja tudu
kila ña djintis
antis di N muri

Se a morte tem que me levar

Se a morte tem
que me levar
que ela espere só um pouquinho

Eu quero participar
das coisas boas de nossa terra
eu quero ver
os avanços de nossa gente
eu quero ver
a grande beleza que há
no rosto das crianças

Que suas barrigas
não sejam de órfãos famintos
que tenham remédios
e escola
que nossos anciãos
não morram de cansaço
eu quero ver tudo
o meu povo
antes de morrer.

Como se pode ver, na poesia de Dulce Neves não há aquela profusão de metáforas, metonímias e referências a entidades da cultura guineense e outras que faz o entendimento para os de fora tão difícil. Talvez pelo fato de se comunicar diretamente com o povo cantando, procure falar o mais simplesmente possível.

Os outros cinco poemas de *Kebur* mantêm o mesmo tom de simplicidade. Em “Singa” (singrar), ela fala da solidão, além da preocupação com o dia-a-dia, preocupação típica de mulheres na África, pois frequentemente são elas que têm que prover a casa. “Sareia” (sereia) tem um tom um tanto onírico, uma vez que ela fica sonhando com um mundo encantado, como se fosse um homem desejando que uma sereia apareça para viverem um lindo amor. O terceiro poema é “Sukundi sukundi” (muito abrigado) é parecido com “Sareia”. O quarto, “Kidu”, retoma o tema do amor, como se pode ver nos dois últimos versos: “Kidu ami di bo / Kidu abo di mi” (“Kidu eu sou sua / Kidu você é meu”). O quinto poema é o que está transcrito acima. O sexto retoma a questão da fome. Os cinco primeiros versos já atacam a questão: “Ña pape labra / i ka kume / ña mame karga kufu / i ianda orik / i ka kume”, ou seja, “meu pai trabalha / mas não come / minha mãe carrega os cestos / está sempre labutando / mas não come”.

Respício Nuno Marcelino Silva (Respício Nuno) trabalhou com o programa de rádio Tchom Tchoma, juntamente com Félix Sigá e Sunkar Dabó. É no rádio que começou a divulgar sua produção poética, nos programas Blufu e Bambaran di Padida, de 1978 a 1983. Uma novela de sua lavra foi apresentada de forma seriada em um de seus programas. Essa seria uma das primeiras, se não a primeira manifestação de textos de ficção escritos em crioulo, mesmo que não tenha sido publicada. Tem também revistas em quadrinhos, que foram publicadas durante as eleições na Guiné (1994), além da melodia e da letra da canção “Bo bai pubis”. Há a informação de que tem contos inéditos escritos em crioulo, no que seria também pioneiro, pois, como sabemos, as únicas manifestações em prosa em crioulo são os contos tradicionais (*storias*) transcritos e publicados. No que tange a sua produção poética em crioulo, Respício Nuno não tem muita coisa publicada. Ele não aparece em nenhuma das antologias anteriores a *Kebur* (1996), na qual está presente com oito poemas. Um deles é “Un karta” (uma carta), que transcrevo a seguir.

Un karta

Islentisimu siñor
suma i na falta
seti noti pa lun’a muri
N na falau, kau disabidu

Ma suma tambi kunkulun
di bumbulun ka obidu
iar difuntu ka susega nan

N na falau tambi
noba di ba ñu
rapian kurpu...
N pudi ka bin masa filidjamba
na kil nfernu njitadu
i ta kontra i janfa son

Islentisimu siñor
suma i falta un tchuba
pa turbada diskubrinu ntudju
N na tistimuña ba ñu:
kau pretu nok!!

Uma carta

Excelentíssimo senhor
como faltam
sete noites para a lua se por
eu lhe digo que a coisa não está nada bem

Mas como a enxurrada
de bombolons não é ouvida
por outro lado os difuntos não sossegam

Digo-lhe ainda
as novidades de vossa excelência
fazem meu corpo arrepiar
não posso deixar de amassar filijamba
naquele inferno rejeitado
só se encontra coisa ruim

Excelentíssimo senhor
como falta uma chuva
para a tempestade descobrir nossos entulhos
eu testemunho perante vossa excelência:
a coisa está preta!!

Pa kabanta
N na falau son un kusa:
no ka sedu kanua kontra mare!

Para terminar
só digo mais uma coisa:
nós não somos canoa contra a maré!

6. Outros

Atualmente, encontram-se diversos poemas em crioulo (e muitos mais em português) na *internet*. No excelente *site* www.didinho.org (acessado em 10/10/2008), encontram-se poemas de diversos autores, alguns já publicados, outros não. Um deles é Alberto Oliveira Lopes (Beto), que, além de cinco poemas em português, assina “Terra riku” em crioulo, todos enviados do Brasil. De Flaviano Mindela dos Santos só há poemas em crioulo. Tirados de seu livro *Dinheru di abota* (não há informação de local e data de publicação), “Bias sanha”, “Bom porta”, “Ermondadi”, “Fera di Bande”, “Firkidja di tchon”, “Galu ospri”, “I sin son”, “Kassilda Gatu”, “Mbedja”, “Labradur”, “Mandjua”, “Noti sukuru”, “N ten farda”, “Pidrinhu Alfaiati”, “Pindjiguiti”, “Ramedí”, “Sol mansi”, “Sukuta” e “Tiu parbai”. Do livro *Sigrídu di kerensa* (Local? data?) estão os poemas “Noti di nha sunhu”, “Nha Estin”, “Kerensa garandi”, “Badjuda di Muni”, “Distinu malbadu”, “Djuramentu” e “Ragas ospri”.

O poeta conhecido apenas como Kanssala comparece com os poemas “Sol di kaçabi”, e “Padjigada”. Mamadu Lamarana Bari, por seu turno, está representado com sete poemas em português. Em crioulo só temos “Balur di nô Terra”. Odete Semedo comparece com dois poemas tirados de *Entre o ser e o amar*. De Rui Jorge Semedo estão presentes dois poemas, de seu livro *Retrato*. Dele temos também “Stera di tchur”, “Dur di padida”, tirados do livro *Stera di tchur*, do qual se tirou também “Mãe sofredora” e “Gritos de lágrimas”. Por fim, o *site* contém também poemas de Tony Tcheka, todos tirados de *Noites de insônia na terra adormecida*, já comentados acima.

Um outro *site* que contém muitos poemas em crioulo é o *blog* <http://djambadon.blogspot.com> (acessado em 10/10/2008). Infelizmente, porém, ele é de muito pouca utilidade para um estudo científico. Aparentemente seus organizadores publicam poemas de outrem, de mistura com uma série de outras matérias, sem nenhum critério. Em geral, sequer o nome do autor é mencionado. Isso é uma pena, pois o *blog* contém 36 poemas em crioulo, além dos que estão em português. Há até um soneto, o que eu nunca havia encontrado em nenhum dos poetas que já li. Esse soneto é o seguinte (aliás, o título é “Soneto” mesmo):

Soneto

N misti ngabau na Kriol si bu na seta
Lingu mas romantis ki n kungsi
Paki bridju di bu rostu ...sol dal teta

Soneto

Gostaria de louvá-la em crioulo se possível
A língua mais romântica que conheço
Para que o brilho de seu rosto apareça

Djamburera di nha noti ku na nansi
 Pa n falau... n mistiu dja gos ka ten
 N djurmenta ba dja kuma nunka mas
 Ma kil bu udju ta dan gana di tcheben
 Ku ta keman nha pitu di mampatas

Vagalume da noite que está vindo
 Para lhe dizer ...desejo-a agora
 Posso jurar em nome de tudo
 Teus olhos me atraem muito
 Chega a queimar meu peito

Na djustu di firianta korson
 N gasta sola di nha bikera
 Ugan djelu na pitu ason

Só o fato de acalmar meu coração
 Gastei a sola de minha alpercata
 Jogou gelo em meu peito

Ku tcheru suabi di bu suris
 Pa arnoba fiansa di ka disispera
 Sikidu bas di pe di sibi ku nha totis

Com o cheiro suave de seu sorriso
 Para desfazer o desespero
 Firme sob a palmeira de minha nuca.

Ndongle Akudeta (abril 2003)

O autor deve ser Ndongle Akudeta, um dos reponsáveis pelo *blog*. Infelizmente, porém, isso não fica muito claro. É bem provável que haja mais obras em outros *sites* e certamente outros já foram incluídos posteriormente nos que examinei. Pelo menos à primeira vista, esses poemas não ficam a dever muito aos que já foram publicados em obras coletivas e em publicações individuais. O que é mais, dadas as dificuldades de se publicar na Guiné-Bissau, a *internet* é um ótimo veículo para os escritores do país divulgarem sua produção que, pelo que se pode ver, é bastante prolífica.

Pelo menos como curiosidade, seria interessante registrar que em www.album-depoeta.com (acesso 02/01/2008) há um poema de Valeriano Luiz da Silva, já falecido, intitulado “Homenagem à Guiné-Bissau”, com tradução em crioulo de Filomena Embaló (autora do romance *Tiara*, de um livro de contos e outro de poesia em português), sob o mesmo nome. Enfim, já existe um considerável número de manifestações poéticas em crioulo. Em geral, trata-se de uma “literatura da diáspora”, pois a maioria dos autores em questão mora fora da Guiné-Bissau.

7. Comentários

Eu não especialista em literatura. A única que conheço em relativo detalhe é a da Guiné-Bissau pelo fato de vir estudando sua língua há mais de 20 anos, como linguista profissional (cf. Couto 1989, 1994). Como estudei também os provérbios (Couto 1996), as adivinhas (2003) e os padrões onomásticos (2000), além de vir usando as narrativas orais para análises linguísticas, acabei me envolvendo com a literatura também. Tive o privilégio de conhecer pessoalmente muitos dos escritores guineenses. O contato com o trabalho de Moema Parente Augel, certamente a maior

especialista nas literaturas guineenses, foi muito estimulante. Organizei a publicação do livro de poemas de Pascoal D'Artagnan Aurigemina, *Amor e esperança*, que saiu pela Thesaurus Editora de Brasília, em 1994. Finalmente, tive o privilégio de ter sido aluno de Antônio Cândido, Roberto Schwarcz, Antônio Soares Amora, Massaud Moisés, Ruy Coelho, Décio de Almeida Prado (teatro) e Gilda de Melo e Sousa, na USP, no final da década de sessenta. Tudo isso me estimulou a escrever Couto (*a sair*) e o presente artigo.

É claro que não se encontra entre os escritores guineenses nenhum Camões, Fernando Pessoa ou Cruz e Sousa. No entanto, a afirmação de Manuel Ferreira de que a literatura na Guiné-Bissau era um “espaço em branco” não se justifica. Há uma intensa produção, tanto pelos intelectuais que continuam no país quanto pelos que emigraram, frequentemente para Portugal. Muito das obras acima mencionadas foi publicado fora do país.

A despeito de tudo isso, a poesia em crioulo mostra uma certa maturidade. Eu, pessoalmente, prefiro os poemas em crioulo aos que foram produzidos em português. Isso vale inclusive para a versão crioula dos poemas bilíngues de Odete Semedo.

Do ponto de vista evolutivo, nota-se um desenvolvimento que vai desde os cantos (em geral em mandinga) insertos nas *stórias*, passando pela temática revolucionária, até chegar ao que a esmagadora maioria dos poetas do mundo inteiro fazem, ou seja, dar vazão às angústias existenciais, falar do amor, enfim, o intimismo, o lirismo.

8. Observações finais

Eu não tive nenhuma pretensão à exaustão. O que fiz foi uma pálida tentativa de apresentar uma apanhado geral da poesia crioulo-guineense, de uma perspectiva histórico-evolutiva. Como a vida é dinâmica e variada, certamente muita coisa que já foi publicada pode ter me escapado. No entanto, me esforcei muito para ter acesso a tudo que chegou a meu conhecimento. Tanto este artigo quanto o livro a sair *Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau - um país da CPLP* representam o resgate de uma dívida que eu tinha para com o sofrido povo da Guiné-Bissau. Desde que iniciiei a pesquisa linguística do crioulo em março de 1988, sempre foi meu desejo divulgar o país no Brasil, não apenas analisar estruturas linguísticas dessa língua.

Referências

- Augel, Moema Parente. 1997. *Ora di kanta tchiga - José Carlos Schwarcz e o Cobiaana Djazz*. Bissau: INEP.
- _____. 1998. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP.
- _____. 2007. *O desafio do escombro - nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Barbosa, Rogério Andrade. 1988. *No ritmo dos tantãs - antologia poética dos países africanos de língua portuguesa*. Brasília: Thesaurus.
- Barros, Pe. Marcelino Marques de. 1900. *Literatura dos negros*. Lisboa: Tipographia do Commercio.
- Bull, Benjamim Pinto. 1989. *O crioulo da Guiné-Bissau - filosofia e sabedoria*. Lisboa/Bissau: ICALP/INEP.
- Couto, Hildo Honório do. 1989. O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas. *Linguística XXIX*. 107-128 (Ljubljana).
- _____. 1994. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- _____. 1996. Os provérbios crioulos da Guiné-Bissau. *Revista internacional de língua portuguesa* 16. 100-114.
- _____. 2000. Os hipocorísticos crioulos e o conceito de palavra ótima. *Papia* 10.50-65.
- _____. 2003. As adivinhas crioulo-guineenses: uma perspectiva ecocrítica. *Revista planalto: literatura* 2.81-93.
- _____. 2007. *Ecolinguística - estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus.
- _____. *a sair*. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau - um país da CPLP.
- Rosa, Luciano Caetano da. 1993. A literatura na Guiné-Bissau. Suplemento de *Lusorama* V, p. 59-267.
- Semedo, Odete. 1996. Um dedo de conversa com a Tia Antera sobre as mandjuandadi. *Tcholona* 6/7, p. 5-7.
- Sparemberger, Alfeu. 2003. *A singularidade da literatura guineense no contexto das literaturas de língua portuguesa*. Universidade de São Paulo: Tese de doutorado.
- Trajano Filho, Trajano. 1998. *Polymorphic creole: the "creole" society of Guinea-Bissau*. Ph. D. Dissertation, University of Pennsylvania.